

A IMPORTÂNCIA DO MODELO DINÂMICO NA ANÁLISE DO EQUILÍBRIO FINANCEIRO DAS EMPRESAS: UMA APLICAÇÃO NA INDÚSTRIA ROMI S.A

Ailton Castro Pinheiro tygg2006@yahoo.com.br
Discente do Curso de Ciências Contábeis/UFGA

HÉBER LAVOR MOREIRA
Professor Orientador
heber@peritocontador.com.br

RESUMO

O objetivo do trabalho é analisar o equilíbrio financeiro da Indústria ROMI S.A a partir do modelo dinâmico de Michel Fleuriet. Que vem se configurando como uma das metodologias mais avançada para se analisar a saúde financeira das empresas, e complementando as análises feitas por indicadores tradicionais como os índices de liquidez e Capital Circulante Líquido -CCL. Para isso foi realizado um estudo de caso na empresa supracitada através de pesquisa documental e fontes bibliográficas. Assim mesmo com a retração industrial, ocorrida no Brasil em 2008, que teve conseqüências, principalmente no Lucro Líquido desta empresa no exercício final de 2009, constatou-se a partir da metodologia utilizada um equilíbrio financeiro desta indústria.

Palavras-Chave: Modelo dinâmico, Capital de giro, Equilíbrio financeiro.

1. INTRODUÇÃO

A análise é uma importante ferramenta do contador para responder as diversas indagações que surgem em uma entidade, seja ela com ou sem fins lucrativos. Ao se analisar as demonstrações contábeis o contador faz uma meditação e avaliação sobre os diversos relatórios contábeis e em relação ao ambiente político social e econômico onde a empresa está envolvida, pois determinadas situações como taxa de juros, crises financeiras, desvalorização da moeda de um país, mudança no cenário político, Leis etc., pode influenciar na continuidade de uma organização.

Para analisar as peças contábeis o contador dispõe de vários instrumentos que a Contabilidade vem desenvolvendo ao longo dos séculos com objetivo de proporcionar modelos mais concretos para gerar informações ao processo decisório das entidades.

Uma das indagações do empresário é saber se sua empresa está equilibrada financeiramente. Neste sentido o contador utiliza alguns mecanismos como calculo dos indicadores de liquidez que mostrará a capacidade de pagamento de curto e longo prazo das entidades.

No entanto, para muitos autores, só com o conhecimento destes indicadores, não é possível se fazer uma análise completa da empresa, pois evidenciam apenas uma visão estática do patrimônio.

Neste sentido, outras técnicas vêm surgindo para se analisar a saúde financeira das empresas e outros métodos estão ganhando destaque como o modelo dinâmico, introduzido no Brasil pelo professor francês, Michel Fleuriet que atuou na década de 70, na Fundação Dom Cabral, em Belo Horizonte, Minas Gerais. E vem sendo discutido por outros autores como Neto (2010), Sato (2007) Olinquevitch e Sant Filho (2004), Vieira e Bueno (2008) dentre outros, principalmente através de dissertações de mestrado recentemente divulgadas.

Este método se diferencia dos outros, principalmente, por considerar a dinâmica operacional da empresa. Assim para se analisar a empresa, reclassifica em partes distintas as contas do Balanço Patrimonial e aplica os seguintes indicadores: Necessidade de Capital de Giro- NCG; o Capital de Giro- CDG e o Saldo de Tesouraria-ST.

Neste sentido, o trabalho surge em forma de um estudo de caso na Indústria ROMI S.A, com o objetivo de saber como está o equilíbrio financeiro desta entidade, a partir do calculo dos indicadores do modelo dinâmico. Assim este trabalho está organizado da seguinte forma: caracterização do objeto de estudo, metodologia do trabalho, conceito de equilíbrio financeiro e calculo de alguns indicadores de liquidez da ROMI, modelo dinâmico, análise dos resultados e considerações finais.

2. INDÚSTRIA ROMI S.A

O ano de 2010 será de comemorações, para a ROMI, pois ela completará 80 anos de fundação, número expressivo e que representa a solidez desta Companhia.

Os negócios, que se destacam pelo pioneirismo e inovação, fizeram parte do crescimento do Brasil por esses 80 anos, e atualmente, começam a marcar presença global, com operações industriais na Itália e subsidiárias de comercialização e assistências técnicas na Europa e Estados Unidos.

As operações, produtos e serviços da companhia são organizados em três Unidades de negócios. A unidade de negocio Maquina-ferramenta que representa a unidade mais lucrativa da companhia sendo responsável em 2009 por 65,3% da receita operacional líquida desta entidade. Esta unidade congrega as linhas de Tornos Convencionais, Tornos a CNC (controle numérico computadorizado), Centros de Usinagem e tornos Verticais e Horizontais pesados e Extrapesados.

A unidade de Maquinas para Plástico correspondeu em 2009 com 25,2% da Receita Operacional Líquida. Esta unidade fabrica injetoras de plástico com força de fechamento de 40 até 4000 toneladas, no Brasil, e até 5500 toneladas, na Itália, e sopradoras de plástico para peças até 100 litros.

Por ultimo se tem a unidade de Negócios Fundidos e Usinagem, que está capacitada para produzir aproximadamente 50.000t/ano de peças em ferro cinzento, nodular ou vermicular com peso individual de até 25.000kg, tendo contribuído com 9,4% da receita operacional Líquida de 2009(ROMI 2010).

O desempenho da empresa é influenciado tanto por fatores políticos e econômicos internos quanto externos, já que possuem unidades produtoras fora do país. Neste sentido os resultados financeiros advindos das operações com o mercado externo são de grande relevância para o desempenho desta companhia.

Assim os diretores, acionistas e demais investidores devem ficar atentos ao desempenho do Produto Interno Bruto-PIB, Taxa de cambio, valorização ou desvalorização das moedas estrangeiras em relação ao real, Risco Brasil e outros indicadores, assim como acompanhar as políticas que ocorrem na Europa e principalmente nos Estados Unidos devido este ser o maior importador dos produtos ROMI.

A empresa está inserida no setor de máquinas e equipamentos que foi profundamente atingido pela crise financeira que teve início em 2008 e refletiu os resultados da companhia no ano de 2009.

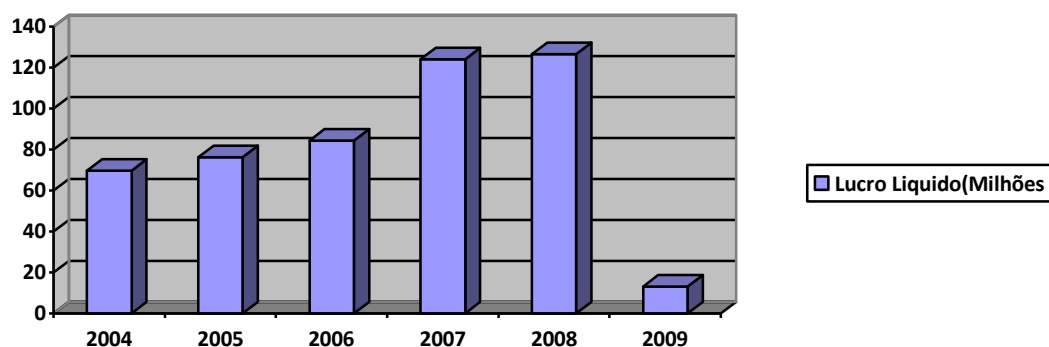
Esta crise trouxe graves consequências, para o setor industrial brasileiro. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE o panorama industrial Brasileiro teve a seguinte configuração: O índice acumulado de janeiro a maio de 2009, contra igual período de 2008, recuou 13,9% para a indústria, com perfil generalizado de queda, atingindo 24 das 27 atividades e todas as categorias de uso.

Os veículos automotores (-24,7%) mantêm-se como a pressão negativa mais significativa, seguidos por máquinas e equipamentos (-29,2%), metalurgia básica (-28,9%) e material eletrônico e aparelhos de comunicações (-41,2%). Os setores com impactos positivos na formação do índice global foram outros equipamentos de transportes (16,7%), farmacêutica (10,0%) e bebidas (5,5%).

Analisando o Indicador de Nível de Atividade –I NA, Paulo Francini, diretor do departamento de Pesquisa e Estudos Econômicos da FIESP, diz que o setor industrial caiu em média 8% de 2008 para 2009. Segundo ele, o setor de máquinas e equipamentos foi um dos que mais fortemente foi afetado pela crise financeira mundial, tendo queda de 25%. Número exorbitante se comparado a média de queda de desempenho das indústrias em geral.

Todos estes fatores atingiram fortemente a ROMI, já que com a crise sua receita decorrente das exportações para Europa e Estados Unidos diminuíram consideravelmente.

Através do gráfico abaixo se pode ter um panorama geral do Lucro Líquido da companhia, analisando os últimos seis anos. Começando com o ano de 2004, que foi considerado um ano de equilíbrio tanto no mercado interno quanto externo. A partir deste ano o lucro líquido sofre uma constante evolução tendo uma queda brusca no ano de 2009.



3. METODOLOGIA DO TRABALHO

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso que pode ser entendido como uma: “[...] investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN 2005, p.32). Assim para levantamento de dados utilizou-se à pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica, a documental ou de fonte primária é feita através da coleta de dados primários que segundo Lakatos e Marconi (1987, p 45) “são aqueles de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações”. Assim estes dados foram coletados das demonstrações contábeis da ROMI do período de 2006 a 2009, no entanto neste trabalho foi feita uma análise se restringindo ao ano de 2008 e 2009, sendo mais evidenciadas as informações de 2009. O objetivo foi analisar os dados que pudessem trazer informações sobre o equilíbrio financeiro da entidade.

Já o método da pesquisa bibliográfica, segundo os autores supracitados trata-se da pesquisa onde o levantamento é feito de forma secundária utilizando-se de bibliografia a respeito de determinada temática. No caso deste trabalho foi feito um estudo dos temas: análise dos demonstrativos contábeis, análise dos índices de liquidez e modelo dinâmico, cujo objetivo foi conhecer melhor estes conceitos para analisar a ROMI. Ressalta-se, que a proposta deste trabalho surgiu das discussões em sala de aula da disciplina “Análise e demonstrações contábeis” ministrada pelo professor Heber Lavor Moreira¹.

Assim de posse de uma massa de conhecimento já adquiridas em sala o autor foi buscar outras metodologias de análise, neste caso o modelo dinâmico. Para

¹ É professor da Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Pará.

isso deu-se prioridade para o estudo a partir de dissertações e artigos publicados sobre o tema. Como instrumento facilitador deste trabalho utilizou-se a ferramenta do Excel, para se calcular os índices. Espera-se que o resultado desta pesquisa possa contribuir para o aprimoramento do ensino e pesquisa em relação a esta área do saber contábil.

4. EQUILIBRIO FINANCEIRO

O equilíbrio financeiro das entidades é um fator relevante para que todo e qualquer usuário da informação contábil possa tomar suas decisões.

"O conceito de equilíbrio financeiro fica evidenciado ao ser demonstrado que toda aplicação de recursos no Ativo deve ser financiada com fundos levantados a um prazo de recuperação proporcional à aplicação efetuada" (NETO 2010, p.159).

Assim é importante que se conheça o ciclo operacional e financeiro da entidade, pois através deles podemos identificar os prazos de pagamento de fornecedor, prazo de venda, prazo de recebimento das vendas e outros que irão depender da atividade e do ramo da empresa. O ciclo operacional "pode ser definido como as fases operacionais existentes no interior da empresa, que vão desde a aquisição de materiais para a produção até o recebimento das vendas efetuadas" (NETO 2010, p.169).

Segundo o autor supracitado em uma empresa industrial a seqüência de prazos de um ciclo operacional seria: compra de matérias- primas e prazo de armazenamento; produção mais o tempo de transformação desses materiais em produtos terminados; venda mais prazos de estocagem dos produtos elaborados; recebimento mais prazo de cobrança de duplicatas a receber que caracterizam as vendas a prazo.

O ciclo financeiro ou ciclo de caixa é prazo em dias que a empresa tem necessidade de manter um capital de giro, para completar a sua operação, ou seja, qual o prazo entre o pagamento dos e o efetivo recebimento dos clientes.

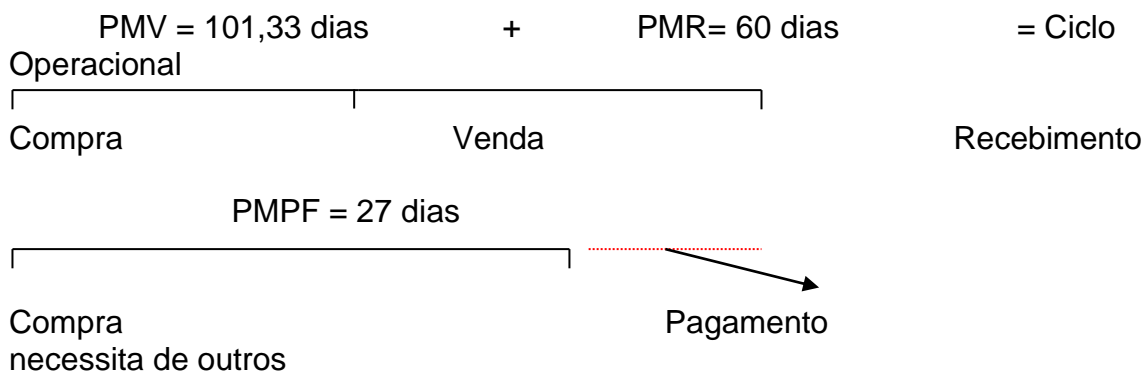
"O aumento desmesurado ou não controlado do ciclo financeiro das empresas poderá conduzir a um desequilíbrio" Oliveira (1985 *apud* XISTO 2007).

O gráfico abaixo demonstra o ciclo financeiro e operacional da ROMI, calculados a partir de três indicadores:

$$\text{PMV}^2 = \frac{\text{Estoque Médio de Produtos Acabados} \times 360}{\text{Custo dos Produtos Vendidos}} = \frac{92,3 \times 360}{328,1} = 101,2 \text{ dias}$$

$$\text{PMR}^3 = \frac{\text{Duplicatas a Receber} \times 360}{\text{Vendas}} = \frac{80,4 \times 360}{475,4} = 60,8 \text{ dias}$$

$$\text{PMPF}^4 = \frac{\text{Fornecedores} \times 360}{\text{Compras}} = \frac{32,9 \times 360}{438,8} = 27 \text{ dias}$$



Financiamentos

Percebe-se que a empresa fica em torno de 101 dias com seu estoque até ele ser vendido, o que significa que ele gira aproximadamente 3,5 vezes por ano ($360/101=3,5$). A empresa leva em média 27 dias para pagar seus fornecedores. Já em relação ao prazo de recebimento, a empresa demora cerca de 60 dias para receber o dinheiro dos clientes.

Neste sentido o ciclo operacional da ROMI demora aproximadamente 161 dias ($101+60$) e o ciclo financeiro 134 ($161-27$) dias.

Para o cálculo dos ciclos da ROMI não foram considerados todos os índices de uma empresa industrial, de acordo com o autor supracitado, no entanto isso pode ser considerado uma limitação da pesquisa já que o seu relatório divulgado em 31/12/2009 não trazem todas as informações necessárias para o cálculo dos outros prazos.

² Prazo médio de Venda, ou o período em que o produto acabado fica no estoque

³ Prazo Médio de Recebimento de Vendas feitas aos clientes

⁴ Prazo Médio de pagamento de Compra feitas dos Fornecedores

Para saber se a empresa está ou não em situação de equilíbrio é comum se analisar os financiamentos de recurso de curto e de longo prazo, para isso o contador utiliza indicadores tradicionais como o Capital Circulante Líquido -CCL, obtido através da subtração do Ativo Circulante pelo Passivo Circulante, e os índices de Liquidez como o índice de Liquidez Corrente - ILC e o Índice de Liquidez Geral - ILG utilizados respectivamente, para saber a capacidade de pagamento da empresa, em relação as suas dividas de curto e de longo prazo.

ATIVO	PASSIVO
CIRCULANTE_ R\$ 572,3	CIRCULANTE R\$ 406,0
Caixa e equivalente de caixa	Financiamento FINAME
FINAME- fabricante	Financiamento
Duplicatas a receber	Dividendos e juros
Estoque	Participações a pagar
Impostos e contribuições a receber	Fornecedores
Outros créditos	Salários e encargos sociais
<u>Realizável a longo prazo</u> R\$ 530,0	Impostos e contribuições a recolher
<u>Total do Ativo não Circulante</u>	Adiantamento de cliente
R\$824,4	Outras contas a pagar
	<u>Passivo não circulante</u> R\$648,0

Quadro1: dados do Balanço Patrimonial da ROMI em 31/12/2009(valores expressos em milhares (R\$).

Fonte: Adaptado pelo autor para o calculo dos índices: CCL; ILC e ILG.

CCL=ATIVO CIRCULANTE - PASSIVO CIRCULANTE

CCL=572,3-406,0=166,3

Isso mostra que a ROMI possui uma boa capacidade de pagar suas contas de curto prazo. Pois os valores realizáveis em dinheiro (Ativo Circulante) ultrapassam o valor dos desembolsos que serão feitos a curto prazo.

ILC= $\frac{\text{Ativo Circulante} = 572,3}{\text{Passivo Circulante } 406,0} = 1,4$

O resultado desta operação mostra o quanto de recurso a ROMI possui para saldar suas dívidas de curto prazo. Assim no ano de 2009 para cada R\$1,00 de obrigação a curto prazo, há 1,4 para cobertura da dívida.

$$\text{ILG} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a longo Prazo} = 572,3 + 530}{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo não Circulante} = 406 + 648} = 1,04$$

O Índice de Liquidez geral mostra um panorama mais global em relação à capacidade de pagamento da empresa, já que relaciona contas de curto e longo prazo. Assim através do cálculo é possível concluir que de forma geral para cada R\$1,00 de obrigações a ROMI possui cerca de R\$1,04 para saldar estas dívidas.

Aparentemente, levando em consideração os índices apresentados acima a Indústria ROMI está equilibrada financeiramente, pois possui uma boa capacidade de pagamento de suas obrigações.

Para fazer uma análise através dos índices de liquidez o especialista deve analisar os índices sempre, de forma conjunta e os comparado com outros indicadores. Assim o índice de liquidez corrente deve ser analisado em conjunto com o índice de liquidez Geral, pois se analisados separadamente, podem trazer distorções nas informações contábeis. Imagine, por exemplo, que a ROMI fez um empréstimo de R\$300.000,00, para pagar em 60 meses. Neste sentido a conta banco da empresa foi quem recebeu este valor, aumentando o Ativo Circulante da entidade.

Como o Passivo Circulante não recebeu tal valor, integralmente, a liquidez corrente pouco foi alterada, no entanto a Liquidez Geral diminuiria significativamente, já que o recurso é para quitação em longo prazo.

Os índices de liquidez, apesar de bastante utilizados, não dão suporte suficiente para uma análise mais aprofundada da real situação financeira da entidade, isto porque, faz uma análise estática da empresa em honrar seus compromissos, por isso eles também são chamados de índices de solvência (SATO 2007). Isto pode se melhor evidenciado quando se analisa a forma como as contas são organizadas no Balanço Patrimonial, para realizar o cálculo desses indicadores.

Sobre a liquidez, o prazo de liquidação das contas é o fator que mais prejudica sua interpretação, já que nem sempre as contas possuem um mesmo prazo de pagamento ou realização em dinheiro como, por exemplo, no caso em que determinada mercadoria, por algum motivo não teve uma boa receptividade no

mercado e conseqüentemente o estoque ficou ocioso ou ainda a empresa não recebe os valores referentes às vendas a prazo conforme a data estipulada.

Neste sentido para suprir a necessidade de uma análise financeira mais aprofundada, além dos índices de liquidez, segundo o autor supracitado os analistas podem utilizar outros modelos de avaliação que visualizam a empresa de forma mais dinâmica, quais sejam: o modelo dinâmico, a análise discriminante⁵, além de outros. Neste trabalho será tratado especificamente do Modelo dinâmico.

5. MODELO DINÂMICO DE ANÁLISE FINANCEIRA

Este modelo surgiu com o enfoque de mudança na análise das empresas, passando da estática análise dos indicadores de liquidez e capital de giro, para uma base dinâmica, utilizando dados contábeis atualizados, visando enxergar a capacidade de captação de recursos e sua utilização para obtenção de retornos maximizados (VIEIRA e BUENO 2008, p.3).

Segundo Braga (1991 *apud* SATO 2007) ao fazer uma comparação dos modelos econômico-financeiros tradicionais como índice de liquidez e rentabilidade⁶, concluiu que o modelo Dinâmico é mais eficiente, pois fornece explicações mais completas sobre a evolução financeira da empresa.

Neste sentido percebe-se que o modelo dinâmico está em evidencia, não substituindo o modelo tradicional da análise econômico-financeira, mas complementando-a, a partir de uma visão futura da empresa.

Para se fazer uma análise dinâmica se faz necessário calcular a Necessidade de Capital de Giro- NCG, o Capital de Giro- CDG e o Saldo de Tesouraria - ST. Além de reclassificar as contas patrimoniais.

A Necessidade de Capital de Giro é um elemento fundamental para se avaliar a situação financeira das organizações. O seu valor revela o montante necessário de recursos para manter o giro dos negócios. As contas que compõem a necessidade de capital de giro representam operações de curto prazo e de retorno rápido, sendo totalmente diferente das contas que compõem o ativo permanente, pois estas resultam de decisões de longo prazo com uma perspectiva bastante lenta para

⁵ Trata-se de uma técnica estatística utilizada mais comumente para prever falências. Assim classifica a empresa em Solventes e não solventes (SATO 2007).

⁶ Representa o percentual de remuneração do capital investido na empresa.

a recuperação do capital investido Olinquevitch e Santi Filho (2004 *apud* SATO, 2007).

Esta necessidade ocorre geralmente porque durante o ciclo financeiro a entidade continua com outras obrigações como salários, luz, telefone, aluguel impostos etc. assim enquanto não recebe o dinheiro decorrente das vendas aos clientes a empresa paga essas dívidas, por meio de recursos de terceiros, próprio ou por meio de recursos obtidos através de financiamento bancários.

Este índice é calculado através da seguinte formula:

$$\text{NCG} = \text{ACO} - \text{PCO}$$

Onde:

NCG: Necessidade de Capital de Giro

ACO: Ativo Circulante Operacional

PCO: Passivo Circulante Operacional

O NCG é diferente do Capital Circulante Líquido-CCL, pois o ativo e o passivo operacionais representam apenas uma parte do ativo e passivo circulante. O CCL é igual ao ativo circulante menos o passivo circulante ($\text{CCL} = \text{AC} - \text{PC}$). Assim quando o CCL é maior que a NCG a empresa tende a possuir um equilíbrio financeiro, caso contrário, um CCL menor que a NCG denota certo descompasso entre financiamentos e investimentos Batistella (2006 *apud* SATO 2007).

“O CDG representa uma fonte de recurso de longo prazo que pode ser utilizada para financiar a Necessidade de Capital de Giro da empresa” Vieira (2005 *apud* SATO 2007, p.65).

Este índice é Calculado pela seguinte formula:

$$\text{CDG} = \text{PP} - \text{AP}$$

Onde:

CDG: Capital de Giro

PP: Passivo permanente

AP: Ativo Permanente

Entende-se como passivo permanente o passivo não circulante mais o patrimônio Líquido. Já o Ativo Permanente são as contas que compõe o Ativo não Circulante, isto já adequando a estrutura de Balanço Patrimonial trazida pela Lei 11638/2007.

Apesar de apresentar conceitos diferentes o Capital de Giro e o Capital Circulante Líquido obtêm resultados idênticos; novos investimentos em ativo permanente geralmente são realizados por meio de Autofinanciamento (recursos que são gerados pela empresa e que são conservados para seu

financiamento interno), empréstimo a longo prazo e aumento no capital social, que acabam por aumentarem o Passivo Permanente. Assim, o CDG apresenta-se razoavelmente estável ao longo do tempo; um CDG negativo ocorre quando o Ativo Permanente é maior que o Passivo Permanente e, significa que a empresa está financiando parte de seus ativos permanentes com fundo de curto prazo. Aumentando o risco de insolvência; mesmo com um CDG negativo a empresa pode se desenvolver desde que tenha uma NCG negativa Fleuriet, Kehdy e Blanc (2003 *apud* VIEIRA e BUENO 2008, p.5).

Ocorrem determinadas situações que os recursos provenientes do Capital de Giro não são suficientes para satisfazer a Necessidade de Capital de Giro, assim a empresa busca fontes de curto prazo para complementar o financiamento de sua atividade. Estas fontes são denominadas de Saldo de Tesouraria (SATO 2007).

De forma geral não é bom para a empresa que sua necessidade de capital de giro esteja sendo financiada pelo saldo de tesouraria, pois representa recurso de curto prazo.

Para o autor supracitado quando a empresa possui uma NCG maior que o CDG é porque ela necessita de recursos de terceiro de curto prazo para poder financiar suas atividades. Neste sentido tem-se um ST negativo.

Este Índice é calculado pela seguinte formula:

$$\mathbf{ST=ACF-PFC}$$

Onde:

ST: Saldo de Tesouraria

ACF: Ativo Circulante Financeiro

PCF: Passivo Circulante Financeiro

Para o autor supracitado o ACF são disponibilidade (caixa banco e aplicações financeiras e outras contas não operacionais (títulos a receber, dividendos a receber, depósitos restituíveis e valores vinculados, resgate de ações, depósitos judiciais, contas a receber pela venda de ativo permanente, créditos com empresas coligadas/controladas,adiantamento a terceiro, impostos direto-IR e contribuição social sobre o lucro liquido(CSLL), outras contas a receber, etc. já o PCF são as duplicatas descontadas,empréstimos e financiamento,debêntures, outras contas não operacionais(dividendos a pagar, juro sobre o capital próprio,dividas com pessoas ligadas, impostos direto-IR e CSLL, provisões para contingência, participações estatutárias, outras contas a pagar, etc.).

Um ST pode ser entendido por meio de seus saldos positivos ou negativos. Um ST negativo não quer dizer necessariamente que a empresa vá “fechar suas portas”, no entanto, um crescimento contínuo deste saldo, revela uma dependência excessiva de empréstimo de curto prazo, e conseqüentemente de uma estrutura financeira tendendo ao estado de insolvência. Assim, quando uma empresa apresenta vários exercícios seguidos um ST negativo, ou seja, uma $NCG > CDG$, ela convive com o chamado **efeito tesoura** (SATO 2007, p.79).

O modelo dinâmico exige ainda que as contas do Balanço Patrimonial sejam reclassificadas. O modelo a seguir foi criado pelo autor deste artigo, de acordo com o Balanço Patrimonial da ROMI no ano de 2009.

As contas dos recursos e das aplicações de curto prazo são divididas em três grupos, quais sejam: Contas erráticas que representam o perfil financeiro da empresa e contas Cíclicas que demonstram o caráter operacional. Já em relação à origem e aplicação de recurso de longo prazo, no Ativo tem-se a totalidade do Não Circulante enquanto do lado do Passivo, tem-se o total do passivo não Circulante mais o Patrimônio Líquido.

ATIVO	PASSIVO
CIRCULANTE	CIRCULANTE
<u>Contas erráticas:</u>	<u>Contas erráticas:</u>
Caixa e equivalente de caixa	Financiamento FINAME
FINAME- fabricante	Financiamento
<u>Contas Cíclicas</u>	Dividendos e juros
Duplicatas a receber	Participações a pagar
Estoque	<u>Contas Cíclicas:</u>
Impostos e contribuições a receber	Fornecedores
Outros créditos	Salários e encargos sociais
<u>Total do Ativo não Circulante</u>	Impostos e contribuições a recolher
	Adiantamento de cliente
	Outras contas a pagar
	<u>Total do Passivo não circulante +</u>
	<u>PL</u>

Quadro1: Balanço Patrimonial da ROMI de acordo com o modelo dinâmico
Fonte: criado pelo autor de acordo com as diversas fontes consultadas

Levando em consideração as variáveis chaves (NCG; CDG e ST) que fazem parte do modelo dinâmico, a estrutura financeira da empresa pode ser classificada em seis tipos diferentes e cada situação mostra um risco de insolvência, Brasil e Brasil (2002 *apud* SATO 2007).

Para melhor visualizar o comportamento dos indicadores do modelo dinâmico Vieira e Bueno (2008, p.6) elaboraram a seguinte tabela:

TIPOS	NCG	CDG	STR	EQUILIBRIO FINANCEIRO
Tipo 1	>0	<0	<0	Péssimo
Tipo 2	<0	<0	<0	Muito ruim
Tipo 3	<0	<0	>0	Alto Risco
Tipo 4	>0	>0	<0	Insatisfatória
Tipo 5	>0	>0	>0	Sólida
Tipo 6	<0	>0	>0	Excelente

Tabela 1: identificação da estrutura financeira da empresa.

Fonte: Adaptado pelo autor 2010.

Ainda segundo Vieira e Bueno (2008) o tipo 1 representa a pior situação financeira de uma empresa, pois o Saldo em tesouraria teria que financiar tanto o capital de giro quanto a necessidade de capital de giro; o tipo 2 é uma situação delicada, pois a pesar da NCG está negativa, constituindo uma fonte de recursos, o CDG também se encontra negativo, sendo portanto financiado pelo Saldo de Tesouraria; no Tipo 3 a NCG é suficiente para financiar o CDG, que por sua vez também é negativo; já no tipo 4 tem-se uma evidência de uma demanda operacional, pois o NCG está sendo financiada tanto pelo CDG quanto pelo ST; no tipo 5 os recursos provenientes do CDG são suficientes para financiar a NCG, gerando ainda um excedente de ST; por último tem-se o tipo 6 que evidencia a melhor situação financeira de uma empresa, pois a NCG negativa torna-se uma fonte de recurso para a empresa.

6. ANALISE DOS RESULTADOS

Ano-2009	NCG	CDG	STR
Valores Expressos em Milhares R\$	R\$ 260,8	R\$ 914,5	R\$ 247,7

Tabela 1: identificação da estrutura financeira da ROMI.

Fonte: calculado pelo autor de acordo com o referencial teórico deste trabalho.

A partir da tabela acima é possível concluir que para a indústria ROMI, a sua Necessidade de Capital de Giro, o seu Capital de Giro e o Saldo em Tesouraria são todos positivos. Neste sentido de acordo com os tipos de balanços evidenciados por Vieira e Bueno (2008) a ROMI faz parte do tipo cinco, situação em que os recursos provenientes do CDG são suficientes para financiar a NCG, gerando ainda um excedente de ST.

A empresa precisa manter sua atividade financeira por 134 dias, ou seja, precisa financiar suas obrigações de curto prazo como, por exemplo, salários e encargos sociais (R\$22,4 milhões).

Quem financia estes gastos é o CDG que é uma fonte de recurso gerada, a partir de financiamento de longo prazo. Assegur são citados os financiamentos para CDG da ROMI, no exercício de 2009. Os dados foram tirados do relatório final do exercício da empresa encerrado em 31/12/2009.

Em 13 de abril de 2009, a companhia firmou contrato com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social-BNDES, no valor de R\$ 25.500,00 dos quais, até 31/12/2009, foram liberados aproximadamente R\$ 18.780,00. A liquidação deste financiamento será em 60 meses sendo que o primeiro pagamento será em maio de 2011.

Em 12 de novembro de 2009 a empresa firmou mais um contrato com o BNDES, para um financiamento de R\$ 82.549,00 dos quais até o final do exercício tinha sido liberado R\$ 75.000,00 a companhia terá 72 meses para pagar esta dívida, sendo o primeiro pagamento para dezembro de 2011.

Em 16 de julho de 2009 a companhia firmou mais um contrato de financiamento com o BNDES, no programa BNDES de sustentação do investimento-BNDES-PSI, referente a contrato de exportação. O valor total do crédito é de R\$58.260,00 integralmente liberados a companhia em outubro de 2009. A liquidação desta dívida ocorrerá em parcela única a vencer em, 15 de agosto de 2012.

Assim percebe-se que esta empresa consegue financiamento sempre de longo prazo, para financiar a sua necessidade de capital de giro. Estes recursos, segundo o seu relatório divulgado em 31/12/2009, quase que em sua totalidade é decorrente de várias linhas de financiamento do BNDES. O que lhe deixa em uma situação mais confortável já que este banco não tem como objetivo principal lucrar em cima dos empréstimos concedidos.

Outra situação que faz com que a empresa tenha este equilíbrio financeiro é sua forma de comercializar seu produto. A ROMI negocia seus produtos a partir de uma estrutura de financiamento disponibilizada pelo BNDES, chamada FINAME-Fabricante, operacionalizada por meio de bancos agentes autorizados. Este financiamento é repassado ao comprador da máquina ou equipamento, através de seu da empresa. Para cada venda realizada nesta modalidade, celebra-se um contrato individual de financiamento, diretamente vinculado a venda, entre o comprador, a ROMI e o banco agente, pelo qual a ROMI obriga-se a repassar o financiamento aos seus clientes nas mesmas condições recebidas dos bancos. No ano de 2009 as condições desta modalidade de financiamento eram as seguintes: prazo de até 60 meses, com opção de até 12 meses de carência e os seguintes juros: (a) entre 4% e 5, 8% ao ano, acrescidos da TJLP; e (b) 4,5% ao ano pré-fixado, conforme Circular nº 79, de 10 de julho de 2009, para as operações efetuadas entre 27 de julho de 2009 até julho de 2010.

Assim nesta modalidade de negociação as vendas são efetuadas a clientes específicos, já que a empresa só fabrica o produto por encomenda. No entanto é importante frisar que a ROMI garante provável inadimplência de seus clientes perante a FINAME, além disso, possui garantia real das máquinas e equipamentos que vende, através da cláusula de reserva de domínio que só se encerra quando do pagamento da última parcela à FINAME.

Assim a empresa consegue escoar bem sua produção e garantir as suas atividades financiando completamente sua necessidade de capital de giro, sem precisar para isso, fazer financiamentos de curto prazo para financiar seu giro, garantindo, portanto um equilíbrio financeiro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da crise financeira que atingiu o setor industrial brasileiro em 2008 e que teve grandes conseqüências principalmente no Lucro Líquido da empresa em 2009, a análise do modelo dinâmico mostrou que esta empresa está com “boa saúde financeira”. Uma análise mais desatenta poderia levar o analista a pensar que a empresa está quase em processo de falência já que houve queda do lucro líquido em torno de 80% do ano de 2008 para o ano de 2009.

Assim no momento de crise, onde ela reduziu sua exportação o mercado interno se garantiu firme, principalmente pela forma de comercializar seus produtos e as políticas favoráveis vindas principalmente do BNDES.

Este trabalho trouxe muitas limitações, principalmente devido o relatório anual em 31/12/2009 da ROMI não trazer informações suficientes para realização de cálculos de outros índices importantes que proporcionaria um calculo mais completo do ciclo financeiro e operacional da empresa, no entanto o objetivo foi atendido uma vez que foi possível analisar a empresa de forma mais especifica incorporando uma visão diferente da analise tradicional.

Ao analisar uma empresa o contador dispõe de diversas ferramentas ou instrumentos contábeis como o modelo dinâmico objeto de estudo deste trabalho e os indicadores tradicionais, por exemplo, os índices de liquidez. Para isso é preciso que ele entenda que nada é imutável e alem disso a Contabilidade não é uma ciências exata e sim classificada como ciências social aplicada, portanto sofre influencia de diversos setores como as políticas sociais ambientais e financeiras etc. assim o analista do século XXI terá que ter outras características como o conhecimento interdisciplinar.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ASSAF NETO, A. (2010). **Estrutura e análise de Balanço**: um enfoque econômico-financeiro. 9ª. ed. São Paulo: Atlas.

FABIANO AMÂRO VIEIRA, S. e BUENO, W. (2008). **O modelo dinâmico de Análise Econômico-Financeira de empresas**: uma aplicação nas companhias distribuidoras de energia elétrica do Sul do Brasil. In: XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 12. , Rio de Janeiro. Disponível em: www.abepro.org.br/.../enegep2008_TN_STO_071_503_12065. Pdf. Último acesso em 13/06/2010.

LEVANTAMENTO DA CONJUNTURA-INA. Produção FIESP. Vídeo. 27/05/ 2010. Disponível em: <http://itv.netpoint.com.br/fiesp/principal.asp?id=videoteca>. Último acesso em 13/06/2010.

MARCONI, Mara de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

SONI SANAE, S. (2007). **Análise econômica- Financeira Setorial**: estudo da relação entre liquidez e rentabilidade sob a ótica do modelo dinâmico. 204p.

Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)-Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18140/tde-05032008-110440/>. Último acesso em 13/06/2010.

YIN, R.K. (2005). **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3ed. Porto Alegre: Bookman.

www.romi.com.br. Último acesso em 10/06/2010.

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1403&id_pagina=1. Último acesso em 03/05/2010.

www.fiesp.com.br. Último acesso em 13/06/2010.